**QUANDO DUAS CULTURAS SE ENCONTRAM:**

 **A CULTURA MARANHENSE ENCONTRA A CULTURA MANDINGA**

 **DE BURQUINA FASO E MALI**

*Miza Carvalho*

*Mestre em Educação*

*Doutoranda no Programa Linguagem, Cultura e Processos Formativos*

*mizacarvalho@id.uff.*

**Resumo:**

A afirmação do *Maranhão como terra mandinga* feita por Matthias Assunção (2001) me leva a perceber a invisibilização dessa alteridade mandinga na minha formação. No mestrado tive a oportunidade de dialogar com um *djeli* da cultura mandinga do Mali e Burquina Faso, mas o fato de ter tomado o encontro com Toumani Kouyaté como um encontro com uma cultura distante já denunciava o meu não reconhecimento dessa alteridade na minha formação. Essa alteridade sacrificada me convida a olhar os pontos enceguecidos, a escutar o que parece ser inaudível na cultura maranhense.

 A partir da filosofia da linguagem de Bakhtin, compreendemos que só é possível encontrar uma unidade no campo da vida, da arte e da ciência, quando se incorpora estas três dimensões, no ato. Esta é a proposta de Bakhtin, uma questão ética e estética diante da vida, ao qual chamou de ato responsável, um ato irrepetível, insubstituível, em que temos o dever de responder a partir do lugar que ocupamos, sem álibi.

 Ao reconhecer a região de Itapecuru Mirim no Maranhão como uma região que recebeu negras e negros do povo mandinga na época da escravização no Brasil, instigou-me a vontade de buscar dialogar com este contexto. Ao buscar aprofundar as compreensões da cultura mandinga a partir do meu ato ético, busco compreender os sentidos criados hoje pelas comunidades de Itapecuru de modo a fortalecer a (re)existência reescrevendo discursos contra-hegemônicos.

 Os acontecimentos chamarão os caminhos da pesquisa. Mais do que trilhar um caminho já pronto, acreditamos numa perspectiva que busca o que ainda não sabemos, portanto, não é possível prever o caminho.

Uma estratégia será fazer interagir os saberes da comunidade de Santa Maria dos Pretos em diálogo com os saberes mandingas de Burquina Faso e Mali, a partir das palavras do *djeli* Toumani Kouyaté, e fazer acender sentidos que se encontravam invizibilizados. Esse movimento insere-se em nossa perspectiva metodológica e refere-se ao que Bakhtin denomina como ‘cotejo’.

**Palavras-chave:** Alteridade. Cultura mandinga. Filosofia da Linguagem.